

RODRIGO NAVES

A CALMA DOS DIAS



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Rodrigo Naves

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Germana Monte-Mór

Imagem de capa

Kleide Texeira

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Naves, Rodrigo

A calma dos dias / Rodrigo Naves. – 1ª ed.

Companhia das letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2388-9

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras

I. Título.

14-00696

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

2. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 São Paulo SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA [13]

DECLARAÇÃO [15]

PÂNICO [17]

AUTOCONTROLE [19]

O URUBU E A CIDADE [21]

TEORIA DO CÃO [23]

VONTADE DE POTÊNCIA [25]

NUCA [27]

UM EMPALHADOR DE REALIDADES [29]

IMORTALIDADE [33]

MESA DE TRABALHO [35]

FORMALISMO [37]

OBJETIVIDADE [39]

QUEDA [41]

MARITACAS [43]

AO RELENTO [49]

INSTINTO [51]

HORÁRIO DE VERÃO [53]

A PIETÀ DO PÓS-MODERNISMO [55]
O MELHOR AMIGO DO HOMEM [59]
TERMÓPILAS [61]
A MOÇA MAIS BONITA DA TERRA [63]
SAÚDE [69]
A MALDADE DE GUIGNARD [71]
PALHAÇO [77]
MIRA SCHENDEL (1919-88) [79]
SOBERBA [81]
REVELAÇÃO [83]
AINDA SOBRE ARTE E VIDA [85]
O PROFESSOR [91]
FOCA [93]
LEMA [95]
WILLYS DE CASTRO (1926-88) [97]
TODA UMA VIDA [99]
ADEUS ÀS ARMAS [105]
CONSTÂNCIA [107]
JURANDIR GONÇALVES DE AGUIAR (1948-2007) [109]
DANÇA [113]
A CALMA DOS DIAS [115]
TANGO [117]
UM HOMEM COMO OUTRO QUALQUER:
JOSÉ PAULO PAES [119]
O ENCANTADOR DE SERPENTES [131]
FORMA E CONTEÚDO [133]
AQUÁRIO [137]
LAR DAS MOÇAS CEGAS [139]
PROFUMO D'UOMO [145]

O BAR BALCÃO E MEU AMIGO JOÃO [147]

CENTAURAS NAS CALÇADAS [151]

CREPÚSCULO COM IPÊ [159]

BRAGUINHA [161]

ALZHEIMER [163]

CORAGEM [165]

SEXO [167]

ASSIS [169]

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que de nada sou devedor, que nada me é devido. Os ódios que alimentei cessaram. Aqueles que despertei, lamento. Tenho um só amor, por ser o amor espaçoso e excludente. Já a amizade é sedimentar, e me alimento desse aluvião fértil. Não pensem que me despeço. Espero viver muito ainda. Acontece que as forças diminuem e julguei por bem me desfazer de parte da bagagem.

PÂNICO

Diz a fenomenologia que toda consciência é consciência de algo, ou seja, um movimento para fora. Acontece por vezes de essa tendência não se cumprir. São momentos em que — por falta de encanto do mundo ou de energia pessoal — a consciência recua sobre si mesma e biparte-se. Assim cindida, nos faz duvidar de nosso contato com a realidade. Dá-se o nome de pânico a esse estado desesperador em que, em vão, procuramos ser o fundamento de nós mesmos.

AUTOCONTROLE

Posso me controlar por fora ou por dentro. Ambas as alternativas me proporcionam serenidade, paz, força ou comedimento. Posso tornar meu rosto compassivo ou esperançoso, e o que me vai por dentro se deixa levar pelo meu semblante. E assim assento. Consigo também induzir sentimentos e estados de espírito. E aos poucos eles buscam expressão em meus movimentos e gestos, que gradualmente obedecem a sua cadência.

Por muito tempo fui um homem colérico, sem controle, de todo sujeito às pressões alheias. Hoje não reajo mais precipitadamente. Entre mim e os estímulos do mundo ergui um filtro. E decido a natureza dos meus comportamentos. Em certos dias, visto uma expressão serena. É o que faço com mais frequência. Sinto aos poucos minhas energias alcançar um ponto de equilíbrio, como se sedimentassem. Esse movimento de decantação produz em mim um estado de repouso que pede continuidade e zelo.

Noto porém uma lacuna nesse método que conquistei com muita dedicação e de que me orgulho. A alegria: a ela não acedo. Não ignoro o que seja e não é por isso que resista aos meus arranjos. Houve mesmo em minha vida momentos em que me vi tomado por tamanha leveza, tal desprendimento que não saberia nomeá-los de outro modo. Curioso não poder voltar a eles quando novamente

os desejo. Tenho algumas hipóteses sobre meu insucesso na matéria, ainda que resista a aceitá-las. Uma delas chega a pôr em xeque todos os meus esforços.

Haveria então grandeza no descontrole, sabedoria na aceitação desses estados de espírito que nos acometem inesperadamente, sem aviso ou esforço? Tenho pensado muito no assunto, em geral à noite, quando tenho mais tempo e o céu conduz à reflexão. E confesso que algumas vezes me peguei divagando de forma tão intensa que me senti parte da vastidão que me envolvia. Não sei se cheguei a um método de induzir o descontrole. Pode ser. Por vezes porém me vem a ideia de largar mão desses exercícios.

O URUBU E A CIDADE

Com as asas abertas, o urubu plana majestosamente sobre o mundo, levado apenas pelas correntes de ar. O urubu não se opõe a nada. Apenas se deixa levar. Risca com uma leve linha negra o azul do céu, para acentuar a leveza e a imensidão do espaço. Esparramada abaixo, a cidade faz o movimento contrário.

TEORIA DO CÃO

Jacobina era um mendigo do bairro a quem me afeiçoara havia muitos anos. Todos os dias trocávamos algumas palavras: conselhos recíprocos, novidades, palpites sobre o tempo. Dava-lhe dinheiro com regularidade, que ele aceitava quase como o pagamento de uma dívida. Ele vivia com Coronel, um vira-lata em cuja pelagem indefinida convergiam muitas linhagens de cães. O bicho não era dado a expansões, mas aos poucos cedeu a meus afagos. Jacobina e Coronel passavam o tempo todo juntos. À noite dormiam colados um ao outro, em meio ao ninho de papelão e cobertores baratos que os agasalhava.

A morte de Jacobina não me deixou escolha: levei Coronel para casa e procurei ocupar o lugar que o mendigo tivera em sua vida. O animal recusou-se terminantemente a dormir na área de serviço do apartamento: arranhava a porta, gania. Resolvi então arrumar sua cama ao pé da minha. Por uns dias ele aceitou a nova situação. Um dia, despertei com o cachorro a meu lado. E não houve jeito de reconduzi-lo ao lugar anterior.

O pior porém ainda estava por vir. Em pouco tempo Coronel teimou em voltar para o chão e não sossegou enquanto não lhe fizesse companhia. Soube responder estoicamente às novas circunstâncias e em poucos dias já me sentia à vontade na acomodação precária.

Poucos meses depois comecei a perceber mudanças no comportamento de meu companheiro. Sentia-o intranquilo, como se os limites de meu apartamento o oprimissem. O animal não tinha sossego e rodava pelos ambientes à procura de uma saída. Uma manhã, ao retornarmos do passeio matinal, mal pude contê-lo. Coronel queria voltar à rua de todo modo. Tornara-se até violento.

Não foi uma escolha fácil. Por fim cedi a seus apelos. Hoje vivemos sem nada, à mercê da caridade alheia. Tratamos com afeto aqueles que nos ajudam. Não me arrependo um só momento pela decisão tomada. Entendo o ar de compaixão dos homens e mulheres que zelam por nós. E nossas faces maltratadas pelo tempo quase não deixam transparecer o que sentimos por eles.